PRÁTICA DE JOGOS COOPERATIVOS NO PIBID: ESTRATÉGIAS PARA AUMENTAR A PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Autores: Everton Rodolfo dos Santos, Leony Cardoso, Lucas Alvarenga Noda, Mariana Aparecida do Nascimento Duque, Dorival Cesare Júnior, Elessandro Váguino de Lima

[1]Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, esanto42@gmail.com, leonycrds@gmail.com, lucasnodaa@hotmail.com, mariana.duque@univap.br, jcesare@univap.br, dede@univap.br.

Resumo

O grande desafio da Educação Física escolar contemporânea é vencer o desinteresse, a apatia e o medo da exposição que afetam muitos alunos durante as aulas práticas. Este trabalho apresenta uma proposta de intervenção pedagógica realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/Univap), utilizando jogos cooperativos planejados especificamente para incluir estudantes que costumam isolar-se ou esquivar-se das atividades por conta da pressão competitiva. A metodologia adotada combinou adaptações nas regras tradicionais, dinâmicas coletivas pautadas na interdependência positiva, mediação sociocultural e o emprego de materiais alternativos e adaptados. Foram aplicadas dinâmicas estruturadas como o Vôlei de Lençol, a Corrente Humana e o Circuito do Desafio Coletivo, buscando retirar o foco da vitória individual e compartilhar as responsabilidades entre toda a turma. Os resultados observados indicaram aumento substancial da participação, ganho de confiança motora, redução de comportamentos passivos, ressignificação do erro pedagógico e fortalecimento dos vínculos interpessoais. A experiência evidenciou que a transformação da quadra em um espaço seguro, acolhedor e democrático favorece a inclusão efetiva e equitativa nas aulas de Educação Física escolar.

Palavras-chave: Jogos Cooperativos. PIBID. Engajamento Escolar. Educação Física Inclusiva. Pedagogia da Cooperação.

Área do Conhecimento: Humanas (INID).

Introdução

Na rotina de acompanhamento das aulas práticas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), é frequente encontrar estudantes que pedem para não participar das atividades físicas, alegando motivos diversos como cansaço repentino, indisposição passageira, esquecimento de uniforme ou simplesmente mantendo-se voluntariamente encostados na parede da quadra. Na maioria das vezes, o motivo real por trás dessa postura sistemática de esquiva é o medo do erro perante a turma, a vergonha corporificada e o receio de sofrerem julgamentos estigmatizantes dos colegas por não apresentarem um desempenho técnico esportivo considerado ideal pelos padrões vigentes.

Historicamente, a Educação Física escolar manteve seu foco centrado no rendimento esportivo, no gesto técnico perfeito e na competitividade exacerbada, ambiente no qual o desempenho motor individual torna-se o principal critério de validação e prestígio social. Em uma estrutura que divide os participantes estritamente entre vencedores e perdedores, os alunos menos hábeis ou com histórico de pouca vivência motora tendem a optar pelo isolamento como um mecanismo de proteção socioemocional. Essa marginalização velada reforça o sentimento de incompetência motora, perpetuando o afastamento das práticas corporais mesmo durante o período de desenvolvimento escolar fundamental (Freire, 2002).

Para transformar esse cenário excludente, a introdução dos jogos cooperativos surge como uma abordagem intencional e estruturante, na qual as regras são profundamente reestruturadas para

assegurar que nenhum estudante seja excluído, rotulado ou permaneça inativo durante as aulas. A pedagogia da cooperação parte da premissa de que o jogo deve ser um espaço de convivência democrática, aprendizado mútuo e acolhimento das diversidades corporais (Correia, 2006).

A proposta fundamenta-se na cooperação como valor pedagógico central da vivência corporal, desconstruindo a urgência pelo triunfo individual e direcionando o empenho do grupo para objetivos coletivos (Orlick, 1989). Sob essa perspectiva, reduz-se drasticamente a ansiedade associada à exposição pública, viabilizando um ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento motor sem o receio da penalização socioemocional decorrente da falha motora. O jogo passa a ser um meio de emancipação e socialização, e não um instrumento de triagem física (Kunz, 2004).

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar a utilização dos jogos cooperativos adaptados como estratégia pedagógica estruturada para elevar o nível de engajamento, inclusão e participação dos estudantes nas aulas de Educação Física escolar, com especial atenção àqueles que demonstravam resistência, fobia da exposição ou isolamento prévio nas sessões convencionais.

Metodologia

A intervenção foi desenvolvida no contexto das atividades práticas do PIBID/Univap, com foco direto na ampliação da participação dos estudantes nas aulas de Educação Física escolar. Trata-se de uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, envolvendo turmas do Ensino Fundamental de uma escola pública parceira. A escolha da pesquisa-ação justifica-se pela necessidade de intervir diretamente na realidade observada, promovendo transformações pedagógicas contínuas a partir do ciclo reflexão-ação-reflexão.

A intervenção pautou-se na reestruturação das regras de jogos tradicionais, na implementação de dinâmicas de interdependência positiva e na utilização de materiais alternativos e adaptados, visando assegurar que o êxito de cada estudante estivesse diretamente vinculado ao empenho coletivo dos pares. Foram estruturadas e aplicadas três atividades pedagógicas principais ao longo do ciclo de intervenção:

- Vôlei de Lençol: Atividade na qual os estudantes atuavam organizados em duplas segurando as extremidades de um tecido/lençol para lançar e recepcionar uma bola leve sobre a rede. Essa dinâmica eliminou a necessidade de execução de fundamentos técnicos complexos (como manchete ou toque) e exigiu sincronia, comunicação verbal e cooperação motora entre as duplas.
- Corrente Humana: Adaptação do jogo tradicional de pega-pega, na qual o participante tocado não era eliminado nem sofria qualquer penalização; em vez disso, era integrado à equipe do pegador dando-lhe a mão e formando uma corrente em expansão. O jogo terminava quando toda a turma estava unida na mesma corrente, equalizando os
  diferentes ritmos motores e valorizando a participação de todos.
- Circuito do Desafio Coletivo: Composto por estações operacionais com tarefas cooperativas (como transporte coletivo de objetos, equilíbrio em grupo e ultrapassagem de obstáculos em pares), cujo tempo final ou pontuação era contabilizado pelo desempenho global e somado da turma inteira, incentivando o auxílio mútuo e a resolução coletiva de problemas.

A intervenção contou com estratégias pedagógicas transversais complementares. Os estudantes com maior grau de isolamento ou timidez extrema receberam papéis de mediação tática ou responsabilidades estratégicas de organização antes do ingresso efetivo no espaço da quadra, garantindo seu pertencimento gradual. Em cenários nos quais sobressaíam a competitividade tóxica ou posturas de cobrança individual, executava-se a inversão imediata de regras (ex.: pontos atribuídos apenas quando o passe envolvia o colega menos requisitado). O uso de materiais de grande dimensão e baixa densidade, como bolas leves de vinil, tecidos coloridos e arcos flexíveis, foi estabelecido para mitigar o temor de impactos físicos e ferimentos (Quadro 1).

Quadro 1 - Resumo das intervenções, materiais e objetivos pedagógicos inclusivos.

Item / Dinâmica	Material Utilizado	Objetivo de Inclusão Pedagógica
Vôlei de Lençol	Tecidos/lençóis coloridos e bola de praia leve de vinil.	Desenvolver a comunicação interpessoal, sincronia motora e eliminar a cobrança por técnica individualizada.
Corrente Humana	Quadra delimitada (sem exigência de materiais pontuais).	Impedir a eliminação sumária dos participantes, equalizar ritmos motores e promover a integração do grupo.
Circuito Coletivo	Arcos flexíveis, bastões de espuma e bolas de vinil.	Promover a resolução tática conjunta de problemas, valorizando o tempo e o esforço acumulado da turma.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Resultados

A implementação contínua dos jogos cooperativos demonstrou mudanças perceptíveis e graduais nos padrões de participação, engajamento e comportamento social dos estudantes ao longo do período de intervenção. A estruturação de tarefas que demandavam atuação solidária contribuiu diretamente para extinguir episódios de eliminação sumária, atenuando sensivelmente a pressão associada à performance esportiva estritamente individual.

No decorrer do bimestre letivo, observou-se uma queda expressiva nas recusas de participação. Estudantes que anteriormente compareciam às aulas sem o uniforme apropriado, alegavam dores fictícias ou que se mantinham sistematicamente afastados das atividades no espaço da quadra passaram a integrar voluntariamente as dinâmicas propostas. A desconstrução da exigência por habilidades motoras refinadas permitiu uma aproximação gradual desses alunos com as práticas corporais, sem a ansiedade ligada ao julgamento severo dos colegas. A utilização de materiais adaptados e a reestruturação constante das regras colaboraram diretamente para o fortalecimento do sentimento de autoeficácia e confiança motora. A alteração do foco pedagógico migrando da busca alucinada pela vitória individual para a conquista de metas coletivas demandou da turma a elaboração conjunta de estratégias de apoio para os estudantes que encontravam maior grau de dificuldade motora nas tarefas, gerando um ambiente de solidariedade explícita.

Além disso, destacou-se o impacto socioemocional na convivência escolar. Conflitos verbais e atitudes de deboche por falhas motoras caíram significativamente, dando lugar a gestos de incentivo, comemorações coletivas a cada conquista e acolhimento das diferenças individuais de ritmo e mobilidade.

Discussão

Os dados e comportamentos levantados confirmam que a assiduidade e o envolvimento dos alunos nas aulas práticas não dependem apenas da cobrança diretiva do docente ou da simples solicitação para que ocupem o espaço físico da quadra, mas sim da construção consciente de um ambiente seguro, acolhedor e socio-afetivamente estável. Os jogos cooperativos atuam nesse sentido ao

deslocar a centralidade do rendimento individual para a cooperação e a construção coletiva da prática pedagógica (Brotto, 2001; Correia, 2006; Darido, 2012; Freire, 2002).

Ao analisar a dinâmica da Corrente Humana, nota-se que a eliminação de punições pelo erro obriga os estudantes com maior desenvoltura motora a desacelerar seu ritmo para acompanhar os demais, favorecendo o desenvolvimento de atitudes empáticas e solidárias no ambiente escolar. Do mesmo modo, a proposta do Circuito do Desafio Coletivo retira a centralidade da figura do "aluno atleta" e exige que a turma organize arranjos táticos solidários para superar as estações de maneira conjunta.

A reestruturação do conceito de "erro" pedagógico foi outro fator crucial observado durante a pesquisa. Quando o erro deixa de ser um evento punível e passa a ser encarado como um elemento informativo da própria dinâmica coletiva, os estudantes perdem o receio da exposição pública. Esse achado corrobora os pressupostos de Soler (2003), Kunz (2004) e Orlick (1989), que defendem a flexibilização das estruturas lúdicas, o acolhimento do erro e a crítica à emancipação pelo movimento como ferramentas indispensáveis para garantir a permanência de crianças e jovens no ambiente de aprendizagem física.

As rodas de conversa realizadas sistematicamente ao término de cada aula constituíram momentos centrais e indispensáveis no processo formativo. Nelas, os alunos puderam expressar suas emoções, verbalizar angústias, apontar eventuais frustrações com o andamento do jogo e reconhecer abertamente o empenho dos pares. Esse espaço reflexivo fortaleceu os laços afetivos, promoveu a escuta ativa e consolidou o sentimento de pertencimento ao grupo. Assim, os achados comprovam o potencial transformador dos jogos cooperativos como recurso metodológico eficiente no combate à apatia, ao isolamento e à exclusão nas aulas de Educação Física escolar.

Conclusão

A prática pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID/Univap corroborou que a inserção dos jogos cooperativos é uma alternativa metodológica eficaz e viável para superar o absenteísmo, a apatia e o desinteresse nas aulas de Educação Física escolar.

A mediação pedagógica focada na adaptação contínua de regras, na eliminação da exclusão punitiva por erros e no uso intencional de materiais alternativos assegurou a participação ativa e prazerosa de estudantes historicamente marginalizados ou intimidados pelo modelo esportivista tradicional.

A experiência reforça a extrema relevância de criar ambientes seguros de aprendizagem na escola, nos quais a diversidade corporal e individual seja plenamente respeitada e o aprendizado ocorra de forma verdadeiramente coletiva. Para além da melhora na participação motora, a vivência cooperativa contribuiu significativamente para a formação cidadã dos estudantes, estimulando valores essenciais de empatia, respeito mútuo e solidariedade no cotidiano escolar.

Referências

BROTTO, Fabio Otuzi. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar.** Santos: Re-cooperar, 2001.

CORREIA, Marcos Miranda. **Trabalhando com jogos cooperativos: em busca de novos paradigmas na educação física.** Campinas: Papirus, 2006.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física.** São Paulo: Scipione, 2002.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijuí, 2004.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição: jogos e esportes cooperativos para crianças.** São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

SOLER, Reinaldo. **Jogos cooperativos para a educação infantil e ensino fundamental.** Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradecimentos ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, à Universidade do Vale do Paraíba, à Faculdade de Educação e Artes e ao Curso de Educação Física.